



ELEIÇÕES

Campanhas de Lula e Bolsonaro vão reforçar a carga sobre partidos e eleitores que buscam alternativas aos líderes das pesquisas

Voto útil vira estratégia para rivais polarizados

Ricardo Stuckert



Alan Santos/PR



Datafolha mostrou que Lula tem potencial para vencer em primeiro turno, mas governistas confiam na reversão do quadro com o voto antipetista e a reconquista de eleitores que se afastaram de Bolsonaro

» VINICIUS DORIA

As últimas pesquisas de intenção de votos, divulgadas nesta semana — em especial, a do Instituto Datafolha —, reforçaram a percepção de que a disputa à Presidência da República pode ser decidida em primeiro turno pelo candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva (SP). O chamado voto útil — aquele que é dado não ao candidato da preferência do eleitor, mas a quem possa evitar a vitória do adversário indesejado — é tratado como estratégico para os dois nomes que polarizam a atual disputa. De acordo com o Datafolha, o petista venceria no primeiro turno com 54% dos votos válidos, contra 30% do presidente Jair Bolsonaro (PL-RJ), que tenta a reeleição.

Para o segundo colocado, os números são preocupantes, mas não a ponto de provocar mudanças significativas no projeto de recondução. Os governistas ainda se fiam na tese de que o eleitorado de Bolsonaro é suficiente para levá-lo ao segundo turno e será engrossado pelo voto útil antipetista. O desafio, agora, é trazer de volta aquele eleitor que votou no presidente em 2018, mas se afastou dele depois de três anos e meio de crise econômica, ataques

à democracia e às instituições e da postura agressiva que caracterizam o estilo de comunicação do atual chefe do Executivo.

Nas hostes petistas, a vitória no primeiro turno nunca esteve fora do radar. Ao contrário. A estratégia de comunicação foi mudada ao longo das últimas semanas, justamente para consolidar a percepção de que só Lula pode derrotar Bolsonaro. Avançar sobre outras forças de oposição ao presidente é natural e vem sendo trabalhada internamente. Um dos alvos prioritários é o eleitor tucano que não se identifica com o discurso de direita. O partido busca atrair os descontentes do PSDB, em especial, da chamada ala histórica do partido. A adesão do ex-chanceler Aloysio Nunes (PSDB-SP) é o primeiro troféu conquistado com a retórica do voto útil. “Não há hesitação possível”, declarou o ex-chanceler quando anunciou seu apoio ao candidato do PT já no primeiro turno. A saída do ex-governador João Doria (PSDB-SP) da disputa facilita essa abordagem.

Além das pesquisas, as poucas opções disponíveis para uma terceira via competitiva reforçam a tese em favor do voto útil. Para o doutor em ciência política Leonardo Barreto, da consultoria de risco político Vector Research,

» Ironia e acusação

O ex-presidente Lula comemorou o resultado do Datafolha alfinetando o presidente Jair Bolsonaro. “Vocês viram a pesquisa ontem (quinta-feira). Imagino que Bolsonaro não dormiu. Imagino que ele falou: ‘Que desgraça que esse Lula tem? Que desgraça, que a gente faz fake news com ele todo dia’”, disse. O chefe do Executivo também comentou o levantamento. Em live, ele questionou se o instituto fazia “tabelinha com outra instituição”, sem citar a qual se referia. “Não sou unanimidade em lugar nenhum. Mas, por exemplo, se fizer pesquisa nas Forças Armadas, não vai dizer que militares estão divididos, que policiais estão divididos”, ressaltou.

“há demanda” para um candidato alternativo de centro, com o chamado eleitor nem-nem (nem Lula nem Bolsonaro). O problema, segundo ele, é que não há “oferta”. “A polarização não é inédita no país, desde 1992 é assim. Só em 2014, com Marina Silva e Eduardo Campos, o cenário foi mais amplo. O que chama a atenção, agora, é a intensidade da polarização”, apontou.

Para ele, um dos fatores que explicam essa “intensidade” é o voto determinado pela rejeição. “Em vez de votar em Ciro Gomes (PDT) ou em Simone Tebet (MDB), o eleitor antecipa o segundo turno. É a ideia de não desperdiçar o voto. Com o cenário já dado de polarização, muitos eleitores não vão querer ‘queimar voto’ no primeiro turno

em candidatos que já sabem que vão perder”, destacou.

Essa percepção é compartilhada por quem acompanha, de dentro, os passos da pré-campanha de Bolsonaro à reeleição. Uma das frases ouvidas nos corredores do Palácio do Planalto é que “a campanha já começa no segundo turno” — uma referência de que não haverá outro nome competitivo na disputa em primeiro turno. “O que a gente não sabe é se haverá terceiro turno”, disse um dos estrategistas da pré-campanha bolsonarista. Segundo essa fonte, a campanha para valer ainda não começou, e a eleição não será decidida em 2 de outubro. Mas, disse ela, está claro o movimento para inviabilizar a terceira via e “acabar com a eleição do Ciro (Gomes)”.

Movimentação

A leitura de que o cenário eleitoral já está definido e que a polarização é irreversível está pautando, também, os movimentos tucanos. “Depois de fritar (João) Doria, o PSDB está, agora, fritando o acordo da terceira via que, hoje, se limita a Ciro Gomes”, avaliou Leonardo Barreto. Não há, porém, nenhuma intenção do PDT de abandonar o seu pré-candidato, em que pese a boa relação entre o presidente da legenda, Carlos Lupi, e Lula. Ao contrário, qualquer referência ao apoio do partido ao petista costuma irritar o pré-candidato pedetista.

A coordenação da campanha do PT não quer confusão com Ciro e evita falar em voto útil. Neste momento, com a cristalização do cenário polarizado, a prioridade da sigla é avançar nas negociações com legendas que não têm candidato à Presidência, como PSD, Podemos e PSDB.

“Ninguém quer brigar com Ciro, até porque o eleitor dele votaria em Lula se Ciro não fosse candidato”, disse ao **Correio** o coordenador de Comunicação do PT, Jilmar Tatto. Para ele, é o eleitor quem está ditando os rumos do pleito. “Aquele

euforia pela terceira via não está mais existindo. A última vítima foi João Doria. Não foi o PSDB que o tirou da disputa, foi o eleitor”, frisou Tatto. “O comportamento do PT é de não instigar candidaturas que enfrentam dificuldade. Não vamos fazer nenhum movimento para tirar a candidatura de Ciro. Deixe o Ciro ser candidato”, acrescentou.

Para políticos do PDT, o ex-governador deve levar a candidatura adiante e se contrapor ao discurso do voto útil. “Lula tem uma relação pessoal com Carlos Lupi. Acho natural que ele busque uma aproximação, como também acho natural Ciro não gostar disso. O PDT é um partido do campo progressista também, o PT quer essa aproximação é natural. Cada um no seu quadrado. Não acho que exista essa possibilidade (de apoio a Lula), pelo menos no primeiro turno”, declarou ao **Correio** o deputado Wolney Queiroz (PDT-PE).

“Ciro é o nosso candidato. Ele critica, sim, algumas posições defendidas pelo ex-presidente Lula, e ele tem um estilo próprio, uma linguagem própria. Nós temos uma posição muito fechada com Ciro”, corroborou o deputado Chico D’Angelo (PDT-RJ). (Colaborou Victor Correia)

Fachin prega respeito ao resultado das eleições

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Edson Fachin, disse que o Brasil tem eleições limpas, seguras e auditáveis. “O acatamento do resultado do exercício da soberania popular é expressão inegociável da democracia pelo respeito ao sufrágio universal e ao voto secreto”, enfatizou o magistrado, durante o 1º Encontro Ciclo de Estudos Mulheres e Política, realizado, ontem, no Recife.

Ele destacou que a defesa da democracia exige serenidade, segurança e ordem para desarmar os espíritos. “Prega o diálogo, a tolerância e a obediência à legalidade constitucional. E, por isso, enfrenta a desinformação

com dados e com informação correta. A Justiça Eleitoral reclama para a paz”, acrescentou ele, que foi homenageado no evento com o Diploma do Mérito Acadêmico da Escola Judiciária Eleitoral do TRE-PE.

“Estamos todos os 28 tribunais eleitorais do Brasil, o TSE ao lado dos 27 Tribunais Regionais Eleitorais, empenhados em cumprir nossa missão. Com prudência, serenidade e moderação, como se espera mesmo da magistratura”, frisou.

No evento, Fachin ressaltou que as mulheres continuam sub-representadas nas Casas Legislativas do país. Entre outras informações obtidas no

banco de dados do TSE, o ministro relatou que, nas eleições de 2020, as mulheres representaram 15,80% dos candidatos que venceram nas urnas, embora constituam a maioria do eleitorado brasileiro.

Fachin também destacou a resistência que ocorre a cada eleição na tentativa de impedir que as normas em favor das mulheres se materializem. O ministro afirmou que essa resistência pode ser atestada pelo número de ações que a Justiça Eleitoral julga sobre essas questões. Fachin disse que as investidas contra essas regras são “tenazes e recorrentes”. (Com informações do portal do TSE)

Reprodução/TSE



O acatamento do resultado do exercício da soberania popular é expressão inegociável da democracia pelo respeito ao sufrágio universal e ao voto secreto”

Edson Fachin,
presidente do TSE